

**Desenvolvimento Econômico, Turismo, Cultura e Hospitalidade: Uma Análise do  
Município de Santana do Parnaíba****Julio Cesar Cuter<sup>1</sup>****Rolney Carlos Baptestone<sup>2</sup>****Resumo**

A proposta do presente artigo é avaliar a importância do turismo para o Município de Santana do Parnaíba, avaliação que só se mostra fecunda considerando desenvolvimento econômico como um conceito mais abrangente que a tendência atualmente predominante, refletindo variáveis como qualidade de vida, segurança e lazer. A preservação de uma identidade cultural própria distando a poucos quilômetros do Município de São Paulo torna as manifestações da comunidade eventos turísticos, no entanto, a proximidade faz com que existam baixos volumes de produtos complementares, limitado os efeitos tradicionalmente mensuráveis da atividade turística. O local, contudo, é um importante núcleo de recepção de excursionistas, consideramos que o município se beneficia deste fluxo e as atividades culturais locais se alimentam do turismo e simultaneamente a abastece, se tornando o núcleo do turismo no município, gerando um ciclo de reforço da cultura e do bem estar da comunidade local.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Econômico; Hospitalidade; Cultura; Comunidade Local e Santana do Parnaíba.

---

<sup>1</sup> Centro Universitário SENAC-SP.

<sup>2</sup> Faculdade de Tecnologia em Hotelaria, Gastronomia e Turismo de São Paulo.

## Introdução

Conforme Matheus (2002) qualidade de vida é o resultado de uma combinação de características como segurança, lazer, qualidade ambiental, o processo de crescimento urbano tende a fragilizar e desgastar as comunidades, inclusive dificultando uma definição consistente de cidade. A busca de uma leitura alternativa do que é, e quais são os benefícios socioeconômicos que a atividade turística pode e deve proporcionar aos autóctones e a cidade receptora orienta a presente pesquisa.

Pequeno município paulista, Santana do Parnaíba está integrada à região metropolitana de São Paulo, ocupa uma área de aproximadamente 169 Km<sup>2</sup>, servirá de fundo a contraposição dos conceitos triviais de desenvolvimento social e econômico, selecionado a partir de características próprias de um núcleo caracterizado por bens públicos e não rivais<sup>3</sup>.

A localização a aproximadamente 40 quilômetros do marco zero da capital paulista, torna inusitada a manutenção de uma identidade própria<sup>4</sup>. Por outro lado, limita a atividade turística por localizar-se muito próxima ao que seria seu núcleo emissor natural, utilizando a terminologia de Lemos (2001) o limite é proveniente da escassez de investimento em produtos complementares, importantes na geração de emprego e renda para os pólos turísticos.

Ainda assim, o local é um importante núcleo de recepção de excursionistas, na definição adaptada da original de Beni (2004), como visitantes temporários que permanecem menos de vinte e quatro horas no local visitado, este tipo de turista sabidamente tem menores impactos econômicos na comunidade.

A proposta do trabalho é avaliar e inferir se o município de Santana do Parnaíba pode ser considerado uma cidade turística no sentido estabelecido por Bezerra (2007), isto é, se a cidade se compromete economicamente com a ausência de turistas, para então avaliar se o

---

<sup>3</sup> Bens públicos por definição são aqueles bens não excludíveis, e não rivais, aqueles em que o custo marginal de prover o bem para um consumidor adicional é zero para qualquer nível de produção.

<sup>4</sup> A referida identidade se conserva na área central e nos demais bairros da cidade, exceto na parte pertencente à conurbação de Alphaville.

município se beneficia das atividades, quais os papéis da hospitalidade e da cultura local para o resultado.

### **1. Conceito de Desenvolvimento Econômico**

A economia internacional tem um movimento de aumento de fluxos financeiros e comerciais, que remontam ao fim do pós-guerra, mas é após o fim das tensões, com a dissolução da antiga União Soviética que o atual estágio se consolidou, evolução que se convencionou chamar de globalização.

No entanto, a economia na atual etapa tem exposto todos os povos a crises e situações econômicas de elevadíssimo custo social, fruto da globalização, mas resultado inequívoco do fim dos acordos estabelecidos ao final da segunda guerra mundial, situação que só será transposta com a cooperação e a conciliação de interesses divergentes de diferentes nações (FURTADO, 1999).

A América Latina parece fadada aos ciclos de prosperidade e retrocesso econômico, fruto dentre outras coisas das políticas adotadas em linha com o governo norte americano e importação de um padrão de consumo e estilo de vida não condizente com nossa tradição cultural e nível de renda.

A concepção sistêmica ao qual descreve um sistema de inter-relações propõe que o verdadeiro desenvolvimento deve prover dos efeitos positivos entre os organismos sociais e econômicos, priorizando fundamentalmente o desenvolvimento humano na condição de seu bem-estar e não de suas necessidades materiais (OLIVEIRA, 2006).

Ainda segundo Oliveira (2006), o desenvolvimento precisa ir além da simples progressão material, devendo promover a justiça, o acesso à informação, à educação e dando poder a toda a sociedade envolvida no processo, considerando uma metodologia de amadurecimento cultural e social. Repensar o desenvolvimento a partir da construção do capital cultural pode estimular a solidariedade ao buscar ações coletivas que fortaleçam o uso comunitário dos recursos presentes, tendo em vista que a valorização da cultura local pode propiciar a autoafirmação, a identidade e melhorar as forças produtivas.

Conforme Dowbor (2002), o problema econômico não passa pela forma de organização dos recursos escassos, pela decisão de mais ou menos Estado, no processo produtivo, mas pela melhoria da vida dos cidadãos comuns. A escolha que o Brasil fez, faz e fará deve considerar suas heranças e identidade cultural e a unidade nacional, e que possam efetivamente definir o que é desenvolvimento, definição relevante para nosso propósito, no entanto, não se trata de algo trivial.

Uma visão dogmática e aparentemente vencedora no atual debate econômico, conforme aponta Furtado (1999), busca submeter todos os países e localidades a uma única lógica, a fim de obter o desenvolvimento, ainda segundo o autor, os avanços obtidos na América Latina só foram possíveis quando superou a tradicional idéia de divisão internacional do trabalho. Assim, de certa forma, o debate atual de buscar se inserir em um padrão global, é um retrocesso para o país, principalmente se for realizado de forma precipitada.

Como Furtado (2001) destacou, o que chamamos de desenvolvimento econômico no Brasil é a expansão de um mercado composto por núcleos autônomos, e que graças às sinergias econômicas existentes o todo representa mais que a soma isolada dos elementos. Pode-se, ainda, acrescentar que apenas uma parcela da população nacional se beneficia desta expansão.

O turismo tem potencial para ser um importante elemento na propagação dos benefícios da expansão do mercado, uma vez que pode e deve ser veículo de transferência de recursos entre regiões, criando um fluxo de recursos por municípios e localidades, no entanto, deve-se considerar que esta divisão de trabalho cria impactos e novas fronteiras dentro do país, que se caracterizam por um novo modelo de consumo.

Destaca-se aqui a possibilidade do desenvolvimento do turismo impactar excessivamente sobre a comunidade receptora, conforme alerta de Krippendorf (2000), necessitando analisar a atividade sobre o ponto de vista dos anfitriões, ou ainda, das contradições, destacadas por Coriolano (2005), da ocupação territorial ligados ao processo de exploração de um destino, em suma dos riscos inerentes à atividade econômica para a comunidade que recebe fluxo de turistas. Em outras palavras devemos evitar que as comunidades importem padrões de consumo dos turistas e integrem ao seu cotidiano o padrão e estilo de vida dos visitantes.

Lemos (2001) coloca dentre os mitos do turismo o desenvolvimento econômico, chamando a atenção de que o turismo é um importante instrumento, mas é absolutamente incapaz de isoladamente levar ao alcance de todos os elementos utilizados pela Organização das Nações Unidas (ONU) para determinar que uma nação seja desenvolvida. Argumento semelhante apresenta Bezerra (2006) de que o turismo internacional torna o país exportador de um produto exótico, mas tem potencial restrito para forçar seu ingresso no clube dos países ricos.

Por outro lado, Beni (2004), ressalta a interdependência que caracteriza a complexa relação existente entre o “produto único” que é o turismo, confrontando com sua ramificação no lado da oferta. O que deve ser observado é que aos olhos do consumidor a experiência é sempre única, mas trata-se da composição de vários produtos oferecidos em cadeia ou simultaneamente.

Muitos dos elementos centrais deste “produto único”, destino, como Lemos (2001) chama, não recebe remuneração, isto porque pode ser uma manifestação cultural ou beleza natural que é um bem não rival e público. Bezerra (2006) destaca, ainda, que o crescimento do turismo nos países desenvolvidos engendrou a prosperidade de outros negócios.

O núcleo é o elemento que gera a atividade, os produtos complementares são atividades como hotéis e restaurantes, são os produtos exclusivamente voltados para o turista e os produtos periféricos compõem-se de diversos serviços públicos de saúde e segurança, teatros, cinemas e muitos outros produtos que não são de consumo exclusivo dos turistas (LEMOS, 2001).

O benefício com a infraestrutura gerada pela atividade econômica do turismo cria um efeito multiplicador. O crescimento do bem-estar depende fundamentalmente das perspectivas da atividade geradora da demanda no futuro, o que leva a investimentos, se transformando em oferta, que para concretizar-se precisa que a demanda efetivamente ocorra, este processo caracteriza-se como o multiplicador dos investimentos.

Uma vez que os investimentos e o crescimento da atividade ocorra, os fluxos de renda resultam em um efeito ampliado, sobretudo porque, como destaca Silva (2004), a riqueza gerada pela atividade turística não fica represada na atividade, e beneficia todos os setores

econômicos das localidades receptoras. Este efeito, o multiplicador dos investimentos, propaga emprego e renda por outros setores da economia.

## **2. Hospitalidade e Manifestações Culturais no Município de Santana do Parnaíba**

Os espaços públicos, em especial as cidades, apresentam rituais de recepção impressos em muitos códigos que são expressões da hospitalidade local, adicionalmente, este lócus se contrapõe à globalização, a invenção da tradição emerge como forma de preservação da identidade local (CAMARGO, 2003).

A importância de entender o conceito de hospitalidade, cidade hospitaleira se faz necessário frente ao desafio de entender o fluxo turístico para um local, aparentemente fora do padrão mercantil que dita a atividade na maior parte dos destinos turísticos.

A divisão existente no estudo da hospitalidade demonstra as formas de entender o turismo como a atividade socioeconômica. Conforme Bezerra (2007), no atual estágio o estudo da hospitalidade apresenta duas escolas: a francesa que é balizada sobre a dádiva e o dom (dar-receber-retribuir), e a americana voltada ao conjunto de atividades comerciais (trocas monetárias). Os produtos padronizados não oferecem espaço para a dádiva, justamente o contrário dos espaços que privilegiam o encontro (PIMENTEL et al., 2007).

Ao reduzirmos o turismo, em especial o de lazer a atividades remuneradas, perde-se a concepção de cidade hospitaleira no sentido da dádiva, onde os elementos culturais e a tentativa de reforçar características intrínsecas da localidade se alimentam do fluxo de turistas, ainda que os seus resultados econômicos sejam diminutos.

Uma parcela significativa de turistas visita lugares em busca de cultura material e imaterial preservadas, procurando cultos autênticos, na tentativa de captar imagens, percepções, conhecimentos e emoções (BISOGNIN; COELHO, 2007). A cidade de Santana do Parnaíba guarda estas características de um atrativo em que os moradores do maior centro urbano nacional buscam fragmentos de suas raízes.

O Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) em 1982, alegou que em Santana de Parnaíba:

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

“Além do conjunto histórico-arquitetônico, por si só suficientes para dar à cidade um significado especial e conferir-lhe um poder de atração diferenciado em relação aos demais centros urbanos do Estado, Santana possui também um apreciável acervo de manifestações culturais e artísticas típicos, o qual é preciso igualmente preservar. Pouco estimuladas, difundidas e conhecidas pelo público maior, estas manifestações correm sérios riscos de diluírem-se em atividades cada vez mais descaracterizadas e destituídas de significado positivo para a comunidade local. Há que se estimulá-las, de modo a motivar o seu prosseguimento e reintegração ao contexto de relações central e mais dinâmico da cidade. (...) E ainda que Santana não tenha modificado tanto quanto a maior parte das cidades estaduais, ou mesmo brasileiras, os processos sócio-econômicos que se deram em seu interior foram suficientes para provocar certo desligamento entre as atividades culturais tipicamente locais e o núcleo primitivo em que antes se movimentavam. (...) Este distanciamento é um dos grandes responsáveis pela perda progressiva da força e da vitalidade, necessários não só à sobrevivência das manifestações, mas principalmente, à conservação de sua beleza e riqueza de criações originais.” (CONDEPHAAT, 1982, p. 100-101).

Caracteriza-se assim a importância de se preservar as manifestações culturais locais de Santana de Parnaíba com o foco na hospitalidade da escola francesa, visando o benefício da comunidade local e gerando efeito multiplicador para impulsionar o verdadeiro desenvolvimento econômico e fortalecer as atividades locais.

### 2.1. História de Santana de Parnaíba

Em 1580, surgiu à beira do irregular e sinuoso rio Anhembi, hoje rio Tietê, a oeste de São Paulo, próximo a cachoeira denominada pelos indígenas de "Parnaíba" (lugar de muitas ilhas) um processo de ocupação territorial comandada pela coroa Portuguesa, num movimento contínuo e essencial a economia da época, na qual as entradas e bandeiras com propósito de caça ao índio ou em busca de ouro e pedras preciosas, destaca-se como uma importante vila colonial em 1620, fazendo da vila uma importante pousada para quem fosse desbravar os sertões, bem como um centro de ofertas de tropas de burro para o transporte de cargas. Sua localização estratégica foi fundamental para garantir a condição de ponto de partida que seguiam rumo ao Oeste Paulista e ao Mato Grosso e em 1625 o povoado é elevado à condição de vila, prerrogativo concedido somente à São Paulo e Santo André da Borba do Campo.

Com a abertura de três novas vias de comunicação no século XVIII, ligando São Paulo a Sorocaba, Itú e Jundiaí, sem passar por Santana de Parnaíba, com o terreno acidentado, antes irrelevante para o desenvolvimento de suas funções principais, transforma-se em um fator de inibição de seu desenvolvimento, com a implantação de novas modalidades de transportes como o carro de boi e as ferrovias e faz com que a vila entre em um período de estagnação com momentos pontuais de desenvolvimento insuficientes para colocá-lo em

destaque novamente, foi assim no ciclo da cana-de-açúcar na segunda metade do século XVIII, com o café no século XIX e com a inauguração da represa Edgard de Souza, em 1901.

Após um período inicial de dinamização com a inauguração da represa, no qual se registrou um certo crescimento populacional, elevando a vila à categoria de cidade em 1906, passou por um outro período de retração econômica, do qual só nos últimos anos Santana de Parnaíba começa a emergir.

A baixa capacidade de resposta econômica impediu que Santana de Parnaíba se beneficia-se também dos reflexos do surto industrial ocorrido na região a partir da década de 50, mantendo até bem pouco tempo, sua vida econômica restrita às atividades econômicas de subsistência e somente atualmente, quando o processo de descentralização industrial da região metropolitana passa a atingir áreas mais distantes do interior do estado é que começa a sentir os efeitos dinâmicos de metropolização ocorrido em São Paulo.

A história do município ajuda a explicar a exuberância arquitetônica e de suas manifestações, emraizadas na cultura religiosa da prospera vila do século XVII. A decadência que segue é igualmente importante no contexto aqui apresentado, uma vez que a preservação está associada ao fato de mesmo tão próximo a capital do Estado, Santana do Parnaíba não se envolveu no rápido processo de transformação vivido na região metropolitana, sobretudo no século XX.

## **2.2. Manifestações Culturais Locais**

Muitas manifestações urbanas revelam-se mais complexas e envolventes que seria razoável supor, as festas são manifestações que servem para emulação das relações interpessoais, uma prática hospitaleira ativa (BUENO, 2003).

Conforme Gomes (2007) as manifestações culturais servem como um instrumento para interpretar a comunidade, mas também é a busca por manter viva a memória coletiva. A preservação da identidade comunitária serve aos olhos externos para tipificar este grupo, mas internamente estas manifestações apresentam o objetivo claro de manter a unidade sociocultural, Santana de Parnaíba demonstra a sua vocação turística e cultural através de várias manifestações religiosas e pagãs.

O Carnaval em Santana de Parnaíba é uma manifestação com grande participação da população que considerado o evento como imperdível. A festa na cidade se inicia na sexta-feira, dia da abertura oficial, com a Noite dos Fantasmas e o tradicional Bloco Grito da Noite, (grupo folclórico de origem negra) e os Cabeções (que representam a arte popular de Santana de Parnaíba). Os vários blocos carnavalescos e turistas envolvem a cidade com o único carnaval do gênero da região metropolitana de São Paulo.

A festa de Corpus Christi tem por objetivo celebrar solenemente o mistério da Eucaristia - o sacramento do Corpo e do Sangue de Jesus Cristo, o nome “Corpus Christi” vem do latim e significa Corpo de Cristo. Acontece numa quinta-feira, em alusão a quinta-feira Santa, quando se deu a instituição deste sacramento. Durante a última ceia de Jesus com seus apóstolos, ele mandou que celebrassem sua lembrança comendo o pão e bebendo o vinho que se transformariam em seu Corpo e Sangue.

Outra festa religiosa importante na cultura local, a celebração da Semana Santa em Santana de Parnaíba mescla as características eruditas e populares, a encenação da vida de Jesus Cristo é feita através de um levantamento cristão e arqueológico, baseado na verdadeira relação dos romanos com a história do povo judeu. A reconstituição realiza-se em um cenário arqueológica das estruturas arquitetônicas da época. A encenação ocorre ao ar livre, trabalham no evento 70 atores e aproximadamente 500 figurantes, tornando este espetáculo o maior do gênero no Estado de São Paulo.

O Caminho do Sol também é considerado um roteiro religioso que começa no centro histórico de Santana de Parnaíba, o peregrino recebe da Secretaria de Cultura e Turismo um documento chamado “Passaporte do Sol” (Mapa do percurso). Considerado a versão paulista do Caminho de Santiago de Compostela, envolve 12 cidades do interior de São Paulo, percorrendo 240 km, cruzando trilhas e trajetos rurais entre Santana de Parnaíba e Águas de São Pedro, o final da peregrinação se dá junto à imagem de São Tiago.

A cidade possui outras festas importantes para a comunidade, com destaque para as festividades religiosas como a festa da Padroeira e a Romaria do Suru, mas existem outras manifestações culturais que não estão diretamente ligadas à religiosidade, como as atividades ligadas à música popular com os eventos Música na Praça e Parnaíba em Seresta e Serenata.

### **2.3. Arquitetura**

A cidade é conhecida como a versão paulista da histórica cidade mineira de Ouro Preto, Santana do Parnaíba conta com um Centro Histórico com mais de 200 imóveis tombados pelo CONDEPHAAT desde 1982. O município ostenta o maior e mais conservado conjunto arquitetônico do Estado de São Paulo de imóveis dos primórdios da colonização paulista.

Os imóveis remanescentes do período colonial e que têm servido como base para estudos da técnica construtiva, do modo de vida e dos costumes paulistas nos primeiros séculos da colonização, são ao todo 209 edificações que mantêm as características da época colonial, as casas térreas e sobrados localizados no centro histórico do município foram construídos no alinhamento da rua, foram restaurados pelo Projeto Oficina Escola de Artes e Ofícios.

O centro histórico é um espaço público propício às atividades e manifestações culturais mais tradicionais de Santana de Parnaíba, mesmo levando em consideração que estas atividades continuam sendo produzidas na periferia da cidade, condições que demonstram aquilo que se pretende estimular e preservar, o envolvimento popular. Contudo, é o centro histórico que se constitui o cenário ideal para se difundir, bem como se transformar em um meio de se integrarem a formas de relações sociais e econômicas modernas.

### **3. O Turismo e a Cultura no Município de Santana de Parnaíba**

Em meio ao processo de aumento da globalização fica evidente que as barreiras se reduzem ampliando as possibilidades de viagem, por outro, lado a necessidade de manter ou construir uma identidade revela-se plenamente.

Nesse sentido que a prática do turismo mostrar-se incluyente, conforme Oliveira (2006), desde o momento de sua idealização, assumindo um procedimento que garanta a integridade e autenticidade de práticas cotidianas, possibilitando a gestão de iniciativas locais que possam continuamente amparar-se em benefícios. A prática não de qualquer atividade econômica-turística, mas a prática incluyente, como frisa o autor é capaz de produzir

benefícios usualmente apregoados livremente, sem o compromisso com um modelo ou gestão socioeconômica.

“O turismo, em diversas regiões do planeta revelou-se como atividade capaz de reduzir distâncias sócio-culturais e promover o intercâmbio de relações para abreviar as disparidades sociais e econômicas, na qual sua prática pode favorecer ao estímulo à economia, bem como à reprodução de identidade local” (OLIVEIRA, 2006, p.1).

Conforme Martín (2001) observa-se que os valores locais, a história e a cultura local se integram e passam a ser vias de abertura ao mundo no qual o turismo surge como proposta para exacerbar o desenvolvimento local.

Verheslt (1992) avalia que a cultura é uma dinâmica geradora de sentido que, ao ser analisada como um fator de desenvolvimento pode desempenhar papel fundamental para a renovação dos laços sociais na busca contínua pela qualidade de vida e a criatividade social emergida será peça chave para que se encontrem subsídios para desenvolver alternativas que promovam benefícios locais.

A cultura é capaz de tornar-se um instrumento de melhoria econômica e social, à medida que o desenvolvimento cultural mantém a integridade de identidade coletiva e cria novas possibilidades de emersão social, cultural e econômica.

Neste ponto Oliveira (2006) constatou que a questão cultural é um dos itens que melhor pode contribuir para a valorização das potencialidades coletivas e individuais, favorecendo à plena realização dos anseios comunitários tornando-se o melhor e mais eficaz dos vetores de desenvolvimento local, ou seja, uma sociedade que confia em sua dinâmica cultural é capaz de estimular o desenvolvimento ao fundamentar-se em uma postura cívica e solidária, na perspectiva de criar energias que ampliem o processo de construção e desenvolvimento do bem estar coletivo.

Conforme exposto em Lemos (2005), os elementos culturais tem estética e conteúdo com historicidades criadas ou não, exploradas, ou não, com fins mercantis. De certa forma reproduz-se a dualidade de pensamento sobre hospitalidade, mas agora em termos culturais, que por certo na escola francesa está integrada.

Por outro lado a economia tem dificuldade de mensurar e tratar a valoração da produção cultural, isto se deve a complexidade de bens e serviços simbólicos, em grande parte intangível, dificuldade que ganha destaque quando pensamos que em muitos locais este fator, cultura, é o núcleo da produção turística (LEMOS, 2005). Situação em que se encontra o município de Santana de Parnaíba, não existe a necessidade de remuneração do núcleo para a concretização da atividade turística, conforme já destacamos, mas isto faz com que muitos ignorem a importância do turismo para a localidade.

A cidade de Santana de Parnaíba se fundamenta, desenvolvendo uma postura cívica, solidária e participativa, valorizando o bem-estar de seu cidadão e uma profunda imersão cultural de sua população em seus eventos culturais, fomentando desta maneira a mobilização do cidadão em pro de alternativas que despertem para a verdadeira concepção do desenvolvimento. Orientando e priorizando o desenvolvimento local para que sejam estimulados mecanismos que possam garantir o bem-estar dos moradores, atendendo as aspirações comunitárias a fim de superar seus problemas.

#### **4. Considerações Finais**

A análise de Santana de Parnaíba deixa clara sua característica de um importante núcleo de recepção de excursionistas e também um importante pólo de produção de manifestações culturais. Agregado a outros fatores, o motivo pelo qual a procura de excursionistas por esta cidade vem crescendo nos últimos tempos, destaca-se a preservação da sua arquitetura e, principalmente, das manifestações culturais.

Os benefícios da hospitalidade deste município, baseado na escola francesa, balizada sobre a dádiva e o dom “dar-receber-retribuir”, visando o benefício da comunidade local e gerando efeito multiplicador para impulsionar o verdadeiro desenvolvimento econômico nos termos de Oliveira (2006), prover dos efeitos positivos entre os organismos sociais e econômicos, priorizando fundamentalmente o desenvolvimento humano na condição de seu bem-estar e não de suas necessidades materiais.

A conclusão é que se trata de uma cidade turística, não por se comprometer economicamente na ausência dos turistas, ainda que esta possa ser uma verdade, mas porque a ausência dos visitantes diminuiria o ímpeto com que a comunidade mantém suas tradições.

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

Este modelo deve ser cada vez mais valorizado, estimulado, patrocinado e inclusive exportado para outras regiões do Brasil como um modelo matricial de preservação das manifestações culturais e da arquitetura local, visando à valorização e o bem-estar da comunidade local em detrimento dos interesses econômicos de um turismo parasitário, que, muitas vezes, vem até uma determinada região e explora todos os recursos possíveis.

### Referências Bibliográficas

BENI, M.C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo. Editora Senac, 2004.

BEZERRA, M.M.O. “Estratégias de desenvolvimento do turismo: em busca de uma tipologia”. **Economia e Sociedade**, Campinas, vol.15, nº 2, p. 347-374, agosto 2006.

BEZERRA, S.R.Z.S. “Apontamentos sobre hospitalidade, turismo e modernidade”. **Revista Cesumar**, Maringá, vol.12, nº 2, p. 335-345, jul./dez. 2007.

BISOGNIN, E.L.; COELHO, E.R.B.; **In: X Encontro Nacional de Turismo em Base Local**. João Pessoa. 2007, p. 168 à 179..

BUENO, M.S. “Festa dos santos reis: uma forma de hospitalidade”. In: **Hospitalidade: cenários e oportunidade**. DENCKER, A.F.M.; BUENO, M.S. (Org). São Paulo. Pioneira Thomson Learning, 2003.

CAMARGO, L.O.L. “Os domínios da hospitalidade”. In: **Hospitalidade: cenários e oportunidade**. DENCKER, A.F.M.; BUENO, M.S. (Org). São Paulo. Pioneira Thomson Learning, 2003.

Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico. **Santana do Parnaíba: revitalização do centro histórico**. São Paulo. 1982, vol. 1. (mimeo).

CORIOLOANO, L.N.M.T. “Exclusão e inclusão social no turismo”. **Percursos: Curitiba em turismo**, Curitiba, nº 4, p. 15-31, 2005.

DOWBOR, L. **O mosaico partido**. São Paulo. Editora Vozes, 2002.

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

FURTADO, C. **O longo amanhecer: reflexões sobre a formação do Brasil**. São Paulo. Paz e Terra, 1999.

FURTADO, C. **O capitalismo global**. São Paulo. Paz e Terra, 2001.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo. Editora Aleph, 2000.

LEMOS, L. **Turismo: que negócio é esse?** Campinas. Editora Papirus, 2001.

LEMOS, L. **O valor turístico na economia da sustentabilidade**. São Paulo. Editora Aleph, 2005.

MARTÍN, J. C. “*Desarrollo local para nuevo desarrollo rural*”. In: **Interação. Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Campo Grande: UCDB, 2001. vol. 2, n. 3, p. 57-66.

MATHEUS, Z.M. “A idéia de uma cidade hospitaleira.” In: **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. DIAS, C.M.M. (Org). São Paulo. Editora Manole, 2002.

OLIVEIRA, A. M. “Ensaio teórico: o significado da cultura para o turismo com base local”. **Caderno Virtual de turismo**, 2006, vol. 6. n. 4.

PIMENTEL, A.B.; et al. “Dádiva e hospitalidade”. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, vol.7, nº 3, p.26-34, 2007.

SILVA, J.A.S. “O modelo da base econômica e o grau de endogeneização do desenvolvimento turístico”. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, vol.VI, nº 10, p. 76-87, julho 2004.

VERHELST. T. **O direito à diferença – identidades culturais e desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1992.